

Empresários vão bem e país vai mal

José Antonio Rodrigues

SÃO PAULO — Ninguém esconde a preocupação. Mas também não se esconde a surpresa. A economia vai bem, as vendas não caíram como se previa, o abastecimento está mantido e o país continua pulsando. A inflação é que assusta. Essas constatações foram feitas na noite de quarta-feira na solenidade de entrega dos prêmios para as Melhores e Maiores, promovida pela revista *Exame*. Entre as repetitivas queixas por melhores reajustes de preços, os empresários envolveram-se em comentários, projeções e avaliações. Na presença do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, saboreando o anúncio da inflação de 29,34% em agosto — assustador, mas não tão catastrófico quanto as previsões pessimistas que apostavam em 35% —, dirigentes de entidades e de potentados industriais e comerciais circularam alegremente pelo recinto do Centro de Convenções do Centro Empresarial de São Paulo comemorando resultados.

Nem a presença de Reinaldo Mustafa, titular da Secretaria da Receita Federal e encarregado de apertar o cerco aos sonegadores, assustou os circundantes.

O presidente do grupo Lojas Americanas, Carlos Alberto Sicupira, garantiu que o grupo prossegue no seu programa de investimentos, pulando dos US\$ 15 milhões em 1988, para US\$ 30 milhões em 89 e de US\$ 40 milhões em 90. Para ele, o papel do empresário do comércio hoje “é vender o mais barato possível”, sem maiores artifícios. A mesma disposição

mantém a Mercedes-Benz, que garante a inversão de US\$ 200 milhões em 1990, dentro do programado, segundo seu vice-presidente, Luiz Adelar Scheuer. Ele acha que duas providências são necessárias para manter o país equilibrado: a manutenção do abastecimento e o controle da emissão de moeda.

Enquanto o ministro da Fazenda garantia que a política de aperto monetário, com os juros elevados, continuaria sendo seguida, porque “é instrumento essencial no controle da liquidez”, o presidente do grupo Arteb, e do Sindipeças, Pedro Eberhardt, considerava murmurando: “Dá para continuar caminhando”.

Mas o vice-presidente da Autolatina para assuntos externos, Miguel Jorge, propunha uma conjectura: maior parte dos lucros das empresas, motivo da alegria, era oriunda de aplicações financeiras, já que no operacional os resultados são desanimadores. Entre os empresários discutiu-se o sinal dado pelo grupo Votorantim, com o anúncio de investimentos de US\$ 1,5 bilhão até 1992, como a largada para o futuro.

Expectativa — O economista e organizador da pesquisa da *Exame*, Stephan Kanitz, por sua vez, confirma que dinheiro há. E há também uma geração de jovens executivos prontos para orientar os investimentos. O que existe, ainda, observa ele, “é muita expectativa”. O país precisa urgentemente criar sua espinha dorsal, pede o economista, instituições, regras claras e definitivas, como política de juros e fiscal. “Não se pode, a cada momento, ter uma nova política tributária”, avalia o tributarista Antoninho Marmo Trevisan. Para ele, sempre que o contribuinte aceita um

novo imposto, por menor que seja a alíquota, é só o começo de nova escalada.

Essa expectativa quanto ao futuro, com o dinheiro esperando regras — e as eleições — para ser aplicado, contrasta com o movimento das vendas. Os supermercados, garantiu Abram Szajman, da Federação do Comércio, encerram agosto com um crescimento surpreendente de 15% nas suas vendas de alimentos. Também os eletrodomésticos e eletroeletrônicos tiveram bom desempenho, enquanto os produtos de moda, como os de vestuário, sofreram quedas, explicadas também pela mudança de estação, segundo Jorge Hamuche, da Jeans Hamuche e do Sindicato dos Atacadistas de Tecidos.

“É isso que é difícil entender”, comenta Szajman, comemorando os mais de 600 mil tâlões de vales para refeição vendidos em agosto. Talvez, estima ele, seja por causa da política salarial, talvez porque alguns produtos, como óleo de soja estão com bons preços — com a oferta crescente no plano interno pela queda vertical dos preços no mercado externo — ou talvez, ainda, seja porque quem pode está acumulando alguns tipos de produto em casa, principalmente alimentos.

Mas a explicação não convence a todos. Procura-se urgentemente identificar o real peso da chamada economia informal que pode estar impulsionando o país. Dela fazem parte, além das microempresas, o fruto da gigantesca evasão fiscal, que a cada dia gira no mercado.

Investimentos — Além dos investimentos do grupo Votorantim, outro sinal vigoroso, sentido na sex-

ta-feira em São Paulo, foi emitido pelos empresários da indústria de máquinas, ao criar o Fundimaq para lastrear investimentos em máquinas e equipamentos por médio prazo. Horácio Lafer Piva, diretor do grupo Klabin, comemorou a iniciativa: “O caminho é por aí”.

Essa expectativa encontra concordâncias, apoiadas no velho diagnóstico de que a crise é “política” e do Estado. João Carlos Paes Mendonça, por exemplo, afasta o demônio da crise. “Temos o modismo de falar em crise, fruto dos patamares inaceitáveis em que a inflação chegou, mas a economia vai muito bem. As vendas cresceram nos supermercados 17% acima da inflação no primeiro semestre e, agora, em agosto, continuaram crescendo. A crise que vejo é do Estado, não é política, mas as decisões para se acabar com ela são políticas”.

Na mesma linha de raciocínio pensa o presidente da Fiat do Brasil, Silvano Valentino, que constata a falta de credibilidade na administração atual, mas que, apesar disso, “a economia de curto prazo vai bem”. Ele estima que, dentro dos investimentos realizados, que já estão em operação, existe a possibilidade de se consumir sem problemas. “Mas para acompanhar os níveis de desenvolvimento desejados para o país, eles não existem. A crise é política, um problema econômico de longo prazo”, avalia Valentino.

Edson Vaz Musa, presidente da Rhodia, alimenta uma surpresa e uma constatação: “Falamos de crise e com perplexidade vemos vários setores com ótimo desempenho. Não é crise econômica. É crise do Estado”.



Mailson promete a empresários manter juros altos